Capítulo 3: Há Quanto Tempo Você Namora o Seu Namorado?

Então vamos fazer uma viagem pela memória, de volta a antes de esse negócio de namorar no exterior sequer existir. Só comecei a viajar para fora do país mais tarde na vida. Dito isso, a maior parte da minha experiência amorosa vem da época em que morei em Atlanta, na Geórgia. Romântico incurável, cavalheiro sulista, criado perto de mulheres. Dá para querer um homem mais feminino? Isso sem falar que sou duplo de Peixes. Não entendo de astrologia o bastante para saber por que isso importa, mas aparentemente importa. Pelo menos é o que me dizem.

Eu não namorava quando era mais novo. Eu era muito ligado em videogames e desenho, que consumiam boa parte do meu tempo junto com as atividades normais da escola. Não lembro com que idade tive minha primeira namorada de verdade, mas foi bem depois da faculdade. É meio doido pensar que o namoro online só virou coisa da minha geração quando eu já era adolescente.

Essa é uma história bem constrangedora, mas vou contar mesmo assim. Quando digo que nunca tive uma namorada “de verdade” até depois da faculdade, é literal. Meus “relacionamentos” antes disso eram virtuais e à distância. A primeira mulher por quem me considerei A-P-A-I-X-O-N-A-D-O é alguém que nunca conheci. Só vi fotos e conversei com ela por telefone. Tenho certeza de que foi uma situação de catfish antes de o programa sequer ter sido imaginado. Lembro de tentar fazer com que ela me encontrasse ou pelo menos fizesse videochamadas, sem sucesso.

A gente se conheceu no aplicativo Plenty of Fish. Acho que foi provavelmente o primeiro que usei. A gente passava horas e horas trocando mensagens. Naquela época, eu literalmente tinha que sentar diante de um computador de mesa e mandar mensagens enquanto navegava na internet. Acho que “namoramos” por um ano ou dois. Os detalhes estão extremamente nebulosos a essa altura, mas com certeza não foi uma situação típica de primeiro amor.

Por que o online funcionava para mim naquela época: eu era um garoto nerd, socialmente desajeitado e gordinho. Eu era bem querido, mas nunca tive nenhuma “lábia”, só uma personalidade simpática. Minha única exposição a mulheres em ambientes sociais era em festas da faculdade. Eu não era nenhum mestre da conquista em bares ou baladas. Isso me lembra de uma história daquela época.

Eu tinha estudado no ensino médio com uma garota lindíssima, muito fora da minha liga naquela época. Basicamente, eu achava todo mundo fora da minha liga. Acabamos indo para a mesma faculdade, perto da nossa cidade natal. Infelizmente, não é uma história de namoradinhos de colégio. Eu tinha uma paixão enorme, mas jamais teria tido coragem de convidá-la para sair. Eu a

via no campus, e a gente sorria e acenava. Duvido que a gente tenha trocado mais de dez palavras em todo o tempo em que nos conhecemos.

Sempre que eu a via se aproximando do nosso prédio, eu dava um jeito de segurar a porta para ela. Uma vez, até a vi de longe se aproximando do prédio e fiz um trotezinho lento de gordinho para conseguir abrir a porta para ela. Ela era sempre muito alegre e gentil no olhar. Aparentemente isso era tudo de que eu precisava para a minha paixão.

Uma noite eu estava com uns amigos num bar de faculdade bem vagabundo. Só bebida barata, música sem graça e um monte de universitários jovens e bêbados. Você nunca vai acreditar em quem eu vi naquela noite. Era ELA. Fiquei animado só de vê-la num ambiente social em que eu poderia, em teoria, chegar, puxar papo e depois confessar meu amor por ela.

Nem preciso dizer que isso não aconteceu. O que aconteceu foi a primeira de muitas histórias engraçadas às minhas custas. Passei a noite sem nem fazer nosso cumprimento de sempre. Estava ficando bem tarde. Um dos meus melhores amigos estava pagando muitas bebidas para nós, então naquela noite eu relaxei um pouco demais. Coragem líquida era o que ia ser preciso para falar com ela. Quando eu estava me preparando para ir embora, encontrei-a no bar. Sorri e perguntei se ela queria uma bebida. Ela aceitou toda animada. Esperamos a bebida dela e só trocamos gentilezas.

Queria lembrar o que eu disse. Tenho certeza de que não teve influência no que aconteceu depois. Pegamos as bebidas, eu paguei e voltamos para a pista de dança. Fiz meu melhor esforço para dançar com ela. Notei um cara olhando para a gente. Ele não disse nada, mas a expressão no rosto dele era: “O que essa garota está fazendo com ele?” Não era nada sutil, então ela devia ter percebido. Mas, em vez de pensar o mesmo, ela começou a me beijar. Fiquei completamente sem reação. Depois de um momento, ela voltou a si e pediu licença. Olhei de volta para o cara. Ele estava congelado, com uma cara de choque. Dei de ombros, sorri e fui embora contar aos meus amigos o que tinha acontecido, deixando-o congelado ali.

Avançando um pouco no tempo da minha vida amorosa. Nessa época eu já tinha um bom emprego e estava em forma, então não era mais a versão nerd de mim daquela história. Eu ainda usava o namoro online para marcar 90% dos meus encontros. Assim como no meu relacionamento virtual à distância, a sensação era muito parecida. Eu conversava com elas quase todo dia, por semanas ou meses, até aquilo virar um encontro de verdade. Mesmo assim, na minha experiência, um homem respeitoso com as mulheres raramente recebe um sinal claro de interesse.

Das poucas vezes em que conheci uma mulher pessoalmente, uma se destaca. Eu estava com meu colega de casa num “bar” a uma distância que dava para ir a pé da nossa casa. A gente ia lá com

certa frequência porque era perto. Esqueci de mencionar que esse bar era um clube de striptease. Tinha um lado masculino e um feminino, então não era só um lugar para homens tristes e solitários. As mulheres também podiam curtir.

Uma noite eu estava conversando com a mulher que trabalhava como bartender. Puxei papo, e trocamos contato. Marcamos um encontro para comer sushi. Era incomum, porque raramente saio por aí no mundo real para conhecer mulheres. Superanimado com o encontro, eu fui, e parecia estar indo bem. A gente conversava e ria. Então ela me fez uma pergunta surpreendente. Ela disse, e cito: “Há quanto tempo você namora o seu namorado?” Achei que tinha ouvido errado. Falei: “Como?” Ela disse: “Sim, o cara com quem você estava na noite em que nos conhecemos. Ele é seu namorado, né?”

Eu não sabia nem por onde começar a responder. Primeiro, eu estava muito acima da liga do meu colega de casa, a metade mais atraente desse hipotético casal gay. Quem dera ele tivesse tanta sorte. Segundo, a gente se conheceu num clube de striptease. A gente se conheceu no lado feminino. Eu estava, claro, pagando a nossa refeição. Enquanto essas perguntas giravam na minha cabeça, o que consegui soltar foi um sorriso sem graça e um “Hmm, não.” Eu escuto esse comentário de gay com frequência, e acho lisonjeiro. Presumo que seja porque sou atraente, bem-vestido e respeitoso com as mulheres. Nós dois rimos e continuamos a conversa.

Quando estávamos terminando o jantar, paguei a conta, o que achei que seria uma forte evidência contra a teoria dela. Por outro lado, eu não sei de fato se homens gays pagam em encontros com mulheres. Alguém deveria pesquisar isso. Enfim, abrimos nossos biscoitos da sorte. O dela era algo genérico e esquecível. Li o meu e não consegui parar de rir alto. Sem brincadeira, estava escrito: “Você deveria explorar seu lado feminino.” Mostrei para ela, incrédulo, e rimos de novo.

Surpresa, surpresa: esse encontro gay não teve o resultado pretendido. Como algo tão dolorosamente óbvio pôde ser confundido? Garoto conhece garota, garoto gosta de garota, garoto convida garota para sair. Tenho certeza absoluta de que nunca vou ter esse tipo de mal-entendido no Rio.